

# Gente de PALAVRA

revista nº 31

## Laís Chaffe

### A POETA QUE PLANTA POEMAS PELA CIDADE

Adão Wons Adélia Einsfeldt Adrian'dos Delima Anderson Valfré Arnault L. Dias Bernardo Almeida Cláudia Banegas David Izacc Édgar F. Güiza Edweine Loureiro Eliana Pichinine Elsa Camargo Felipe Magnus Genha Auga Henrique Veber Henry Rios Izabela Orlandi João Barão João Victor Martins Ruyz John Williams B. JPetermann (José Carlos da Silva) Juliana Santos Laís Chaffe Léis Seitenfus Magali Mendes de Menezes Marcelo Rutshell Márcia Maria Ribeiro Brabo Marlin Balbuena Bremm Mauricio Goldani Lima Mauro Bartolomeu Michelle C. Buss Michelle Hernandes Neyd Montingelli Ngl\* Ronaldo Henrique Barbosa Junior Talita Nogueira

## No ar

Há uma palavra no ar  
tento fisgá-la em vão  
com essa vara alada  
de versos.

Há uma palavra que afunda  
tento trazê-la à tona  
com essa rede rasgada  
infecunda.

Imploro a palavra-peixe  
tento salvar-me a tempo  
do naufrágio que chamam  
silêncio.

*Laís Chaffe*



Poesia deriva do termo grego *poiesis* que significa fazer, produzir, criar; deste modo, podemos dizer que Laís é poeta no sentido mais pleno da palavra: Ela faz.

Seus poemas são sensíveis e sintéticos, com aquela exatidão semântica em que forma e conteúdo se confundem. E ela leva essa característica para as outras expressões de sua poética: vídeo, contos, projetos culturais. Seu projeto *Cidade-poema* é poesia em forma de conceito. Seu documentário premiado *Canto de cicatriz* é poesia dolorida em forma de verdade, é uma porrada na hipocrisia da sociedade. Sob sua direção, o Instituto Estadual do Livro teve uma das gestões mais produtivas e atuantes de sua história.

Poeta, contista, produtora cultural, diretora e roteirista de vídeos, ela trabalha com grande habilidade o texto em suas mais diversas formas. Laís Chaffe é Gente de Palavra!

poiesis de

LAÍS CHAFFE

## Dinossauro de plástico

do alto da luminária  
me contempla, vos contempla,  
meu dinossauro de plástico.

e para maior pavor  
da criança que já fui  
ele brilha no escuro!

dinossauro, dinossauro,  
meu dinossauro de plástico,  
lembrete da evolução!

foi carbono, virou ossos,  
fez-se petróleo, então plástico,  
e voltou a ser dragão!

*Mauro Bartolomeu*



## Fome de tudo

Salários  
Cada vez mais  
Cruzados novos

Sorrisos  
Cada vez mais  
Privatizados

Fome que resta  
Cada vez mais  
Nos alimenta

*Felipe Magnus*  
felipemagnus.com

## Amigo

Viveu sempre comigo,  
Não era primo, nem parente.  
Sabia de mim, era um igual.  
Brincadeiras de rua, de casa, de quarto.  
Chutar bola lá fora,  
Desenhos da TV, rir juntos.  
Confidências, segredos... só nossos.  
Ao após ano,  
De mãos dadas com a amizade.  
Infância, juventude, vida adulta.  
Será para sempre,  
O irmão que a vida me deu e o  
Meu coração escolheu.

*Neyd Montingelli*

## Balada dos excluídos

Quero cantar ao som do violão vagabundo  
A intolerância e a incompreensão deste mundo  
Meu último, derradeiro, infindo lamento  
O grito louco de um torturante tormento

As vozes roucas de quem nasceu do submundo  
O canto gritado, desafinado, imundo  
De quem viveu a vida preocupado, atento  
Daquele que jurou e viveu do juramento

Por que importar-se com alto preço do pão  
Do feijão, da cachaça, da calma, da vida  
Para eles não há nenhuma preocupação

Enquanto minha voz tremidamente tímida  
Agoniza ao som do vagabundo violão  
A morte surge em seu manto preto, ungida

Sutil, desejada, clamada, amada, viva!

*Henrique Veber*



## Despeço

1. Meu corpo é paisagem por onde escorrem meus sonhos.
  2. Bem perto de mim, habita um medo que me espreita.
  3. Corro num chão invisível;
  4. Cobertor de pétala cravado na pele como tentativa de mais uma carícia.
  5. Minhas mãos se desencontram na esquina de cada canto de mim.
  6. Então por nós dois o silêncio da despedida.
  7. Esvazio o olhar, jeito de escapar da última vez, última voz, ultimato ao tempo.
  8. Chove e de manhã sinto que não estou; vago na sombra que resta;
- Na réstia que surge depois de toda chuva.

*Magali Mendes de Menezes*

## Desabafo

proclama  
cospe a palavra  
a voz é alta  
o tom é justo  
somente o ar sente o peso daquele sentimento

permanece ainda  
um silêncio turbulento  
em um tom de ressonância

ondas de repetição

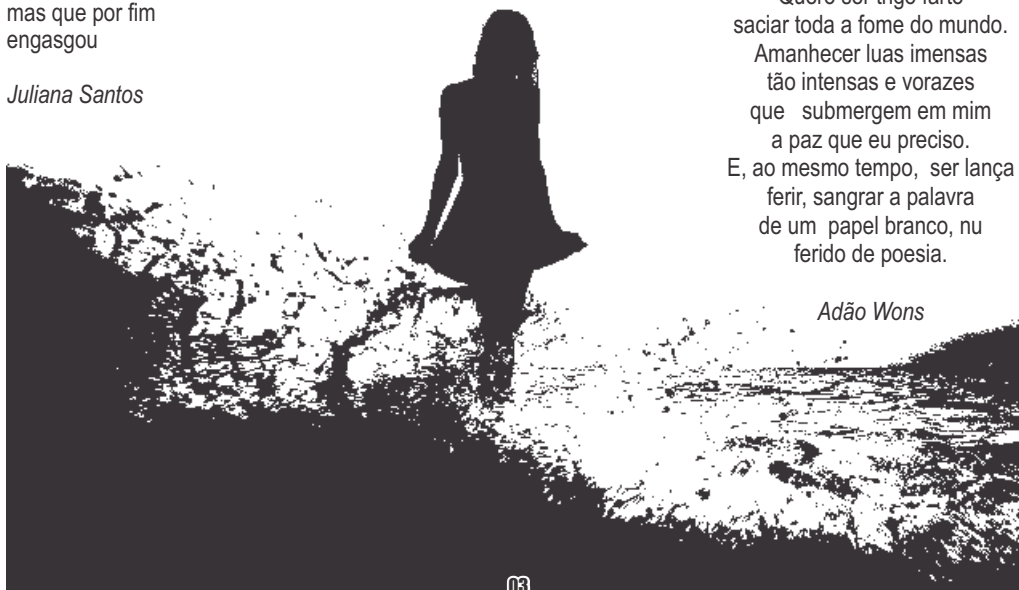
eco daquilo que foi dito  
mas que por fim  
engasgou

*Juliana Santos*

## Quero

Quero ser água  
mover moinhos  
abastecer vertentes  
onde rios saciam  
sua sede imensa.  
Fluir contornando montanhas  
desaguar no oceano  
onde possa me tornar mar imenso.  
Quero ser os lírios do campo  
sentir a pureza germinar em mim.  
Quero ser trigo farto  
saciar toda a fome do mundo.  
Amanhecer luas imensas  
tão intensas e vorazes  
que submergem em mim  
a paz que eu preciso.  
E, ao mesmo tempo, ser lança  
ferir, sangrar a palavra  
de um papel branco, nu  
ferido de poesia.

*Adão Wons*



## Ritos de passagem

A vida que se recomeça  
(descobriu o que é de fato começo)

Um vestido violeta  
violentamente jogado no chão  
amontoado assim  
fingindo ser um buraco negro  
no meio da sala  
no meio do cotidiano  
ao meio dia  
explosões aglomerados globulares  
estrelas jovens e galáxias espirais  
com abraços flexíveis  
entre o dourado e o azul

Na porta do quarto  
em cima da cama  
um poema de amor  
pra quem um dia  
chegou a desacreditar em  
poesia

*Michelle C. Buss*



## Diariamente

you know me miss a leg,  
cecilia, you're right there

you know  
the tumor a tentative beauty  
the cheer to a failed  
the cry to blindness  
the fragile and the one who never  
broke

you know me miss a leg,  
cecilia, I told you

the place of my shoes  
where to keep the tracks  
my name and where it is  
the remedy for head pain

you stay on your knees in the sand  
like a free animal  
and I devour

you know me miss a leg  
and the ship that never returns

because we destroyed the desert

*Izabela Orlandi*

## Mijn mooie man

Llegas en forma de poesía,  
con canciones entre tus manos  
besos suaves envueltos en tu tímido silencio  
y sonrisas en el azul de tus ojos  
esos ojos tan infinitos que pertenecen al mar  
tranquilo, mudo, constante  
entre idiomas desconocidos a mis oídos.

Cada instante  
es una imagen oculta de mi memoria de infancia  
ya te había visto antes en mis sueños  
mi corazón ya estaba contigo en mi soledad  
rozaba tu piel en las noches  
a través de mis oraciones,  
pero solo Dios era cómplice de mis deseos.

*Elsa Camargo*



# Os que passam

Às vezes  
sem nenhuma delicadeza

parece  
que todos os bons  
corações da cidade  
estão ocupados

No meio  
da conversa –  
inevitável  
– o namorado

No meio  
da linha  
acaba a tinta

No meio  
caminho  
havia  
uma rosa

*Adrian'dos Delima*

## Caçadora

Chegou silenciosa  
Como era seu costume  
Paralisou meu ser com toques certos  
Não questionou meu ímpeto explosivo.

Ela calçou suas luvas  
Vagarosamente  
Massacrando toda minha paciência  
E num gesto brusco tomou meu corpo  
Sugando tudo que fosse possível  
Em poucos movimentos já vencia.

Apoteose de sensações!

Beijava cada virilha retesada  
Apenas para sentir meu fervor  
Com olhares venenosos  
Terminava sem palavras  
Seu doce trabalho sujo.

*John Williams B.*

Meu (pesadelo)  
tinha um quê de tragédia  
com ineditismo transatlântico.

Partido em meio aos destroços  
cabines casa de máquinas chaminés  
gigantes caídos sobre nossas cabeças.

Sobreviventes relatam suas histórias  
que entre outras absurdas notícias  
editadas pelo inconsciente  
me apego extasiado.

Narra voz aveludada de uma menina:  
– De como na vida  
há algo de familiar (entre)  
a nossa tragédia:  
Em nenhum corpo mais fui encontrado.

*Ngj\**



## O dia em que Miró mirou meus olhos

Como quem ganha um Miró  
O dia alvoreceu amarelado  
Quadriculado, marcado e cantado  
Na capa da agenda  
Feito janela de madeira  
Que abre pro campo  
Pra gente pintar da cor dos olhos mansos  
A firmar o êxtase acelerado  
Atravessando as sombras e os freios  
A cada raio de sol  
Que amansa os olhos  
E inquieta a alma  
Ao cantarolar de um orgasmo precoce  
Miró mirou meus olhos  
E sobre o muro  
Cantou feliz

–Inspirado na pintura “El galo” do surrealista Juan Miró –

*Talita Nogueira*

# El silencio del crepúsculo

En el fondo de tu boca,  
la palabra se estira como  
la sombra contra el muro.  
La miras desde el rincón iluminado,  
la tocas con el ápice del deseo  
y la muerdes con los ojos de la soledad.  
Buscas el color breve en la lejanía,  
la densidad del cuerpo que nombra  
y solo hallas el silencio del crepúsculo.

*Édgar F. Güiza*

## Arranjo

eu te toco  
você  
nota  
musical  
vibra  
expande  
ressoa

diminui  
em silêncio  
para  
que no próximo toque  
soe  
seja  
acorde maior

*Mauricio Goldani Lima*

## Felizes os tristes

me desculpem os felizes  
mas a tristeza  
tem a chave da porta de trás  
pra quando as lágrimas  
não brilharem mais  
de alegria  
e sim  
de  
poesia.

*João Barão*

[joaobarao.blogspot.com](http://joaobarao.blogspot.com)



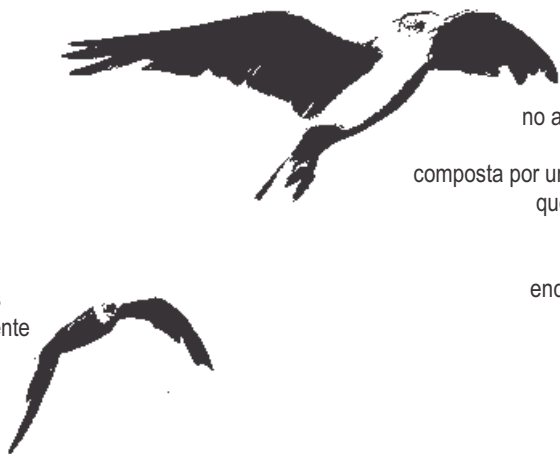
## Ausência

Pássaro preso  
em gaiola dourada  
na tristeza  
seu canto é pranto

voar lonjuras  
tempo distância  
no infinito azul

veste plumas reluzentes  
presente enquanto ausente  
asas da saudade  
liberdade anil.

*Adélia Einsfeldt*



## Pensamento seresteiro

Dentro do meu silêncio  
no aconchego da minha rede  
ouço bela melodia...  
composta por um pensamento seresteiro  
que me compõe maravilhas  
fazendo serenata...  
na janela da minha vida  
encantando o meu sossego.

*Marlin Balbuena Bremm*

## Que fique ou passe

Que fique o sorriso,  
que fique a lembrança  
dos momentos felizes,  
que fiquem até cicatrizes.

Que fique o caminho,  
o pé de meia esquecido...

Que fiquem as mágoas,  
a vontade.  
Que fiquem as palavras.

Que passe a necessidade:  
da presença,  
do corpo,  
da posse  
de um pelo outro.

Que passe o costume,  
que passem os passos,  
que passe até o passado.

Que fique comigo,  
de forma leve,  
ou que passe,  
passe longe  
e se leve.

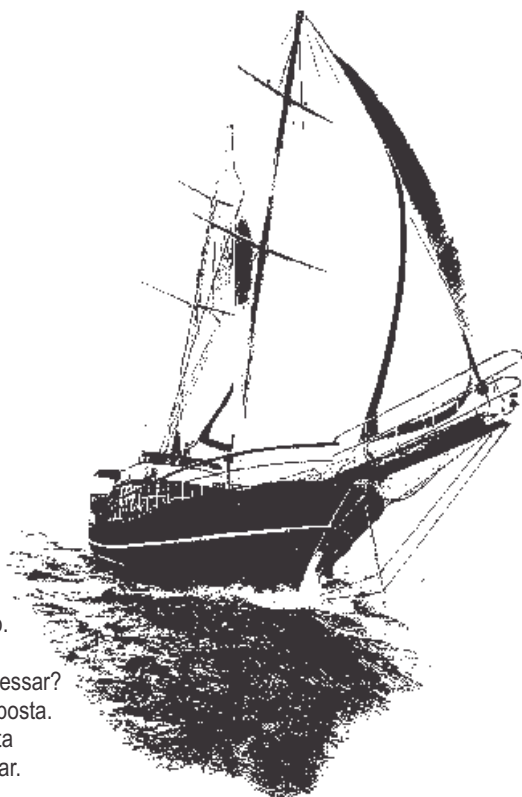
## Êxodo

Ei-los que partem,  
emigrantes,  
para distante do lar.

Na bagagem,  
imagens do berço  
ajudam a embalar  
os sonhos de recomeço.

Se, um dia, hão de regressar?  
Eis a pergunta sem resposta.  
Mas agora o que importa  
é não deixar de caminhar.

*Edweine Loureiro*





# A Chuva

Como é hipnotizante, a tua cantiga:

- Repleta de acordes de pingos, relâmpagos e trovões!
- Quanta sonoplastia despertas, minha amiga:
- Chega a imitar uma cachoeira aos borbotões!

Junto a isso, há um misto de som que intriga:

- Do coaxar de sapos, ao buzinar de caminhões!

A nada se compara querida:

- É mescla de sirene de carros e prováveis palavrões!

Mas, pode-se dizer que também abriga:

- Capaz de reunir a todos, sem divisões!

Refresca até a alma desvalida,

Transformando-a num "mar de emoções"!

Portanto, cante bastante pela vida

Levando harmonia aos corações.

Continue desaguando, fria e destemida

Insinuando-se, como a mulher faz, em suas decisões!

*Márcia Maria Ribeiro Brabo*

## Soneto do poeta

Nas amarelas páginas de um caderno mofado,

O autor escreve um verso com a mão trêmula.

Para ele, verso é o lirismo em palavra transformado

E na folha escrito. É poesia que sua história recapitula.

Ele não se achava poeta, mas apenas abstraído.

Pois a poesia encontra quem vagamente perambula

Pelas estradas sinuosas da vida. E ele fora flechado

Pelo arqueiro divino que andava decidido

A encontrar quem ouve a voz da estrela.

A caneta treme a cada traço grafado

E, no silêncio da madrugada, a mácula

Deixada pelo lápis no papel amarelado

Cria um ruído que comove e estimula

Aquele que com ele escreve, comovido.

*Ronaldo Henrique Barbosa Junior*

"Eu sou"  
tudo além disso  
é improviso.

*Michelle Hernandes*



# Sombras e espantalhos

o gigante de pedra carrega sobre os pés  
homens miúdos – amedrontados  
não os vendo, os seres neles agarrados,  
lutam para que não sejam esmagados  
enquanto caminha o gigante de pedra

ele rompe a superfície abaixo de si  
abre abismos e oferece sísmico perigo  
aos que nele crêem – apregoados  
situando-os entre sombras e espantalhos

asperge da cabeça hirsuta  
sangue de fogo – centelha intrépida  
o gigante de pedra não revela  
a força que o exorta  
no limite da vista que o corta  
oculta o horizonte que enxerga

o gigante de pedra, sem se saber  
possuidor de laçaios e terras,  
apenas segue obstinado, desprotegido,  
inarredável – brasa a vibrar em guerra  
abrindo caminho pela mata escura

*Bernardo Almeida*  
[www.bernardoalmeida.jor.br](http://www.bernardoalmeida.jor.br)

## Ida

ninguém ama como quem sente  
ou mente essa seta maligna e santa  
que faz correr o sangue fresco  
em sutis arabescos na indígna manta

ninguém arde como quem sonha  
a fronha rota prediz a ardente sanha  
que incendeia corpo e alma  
em chama que ascende e arranha

ninguém morre como quem deseja  
que enseja e ensaia o ato que aja  
a dor maior que conforta e alimenta  
a ida ainda lenta que em só viaja

*David Izacc*



## Bordado

Então! Bordar palavras  
um traçado firme  
belo como a tela  
do mais exímio  
desenhista, Deus.

Não importa se a arte vai ser  
de tecido novo ou velho.  
Se agulhas cravarão sua pele  
para dar tons diversos, vida.  
Cores? Todas são belas  
com pontos delicados, poesia,  
enlaces contados metricamente.  
O tempo embeleza, destino,  
carreira dos celestinos.  
Ponto por ponto em trilha de luz  
ou seriam clandestinos?  
Que acabam em ponto cruz.

*Léris Seitenfus*



entre  
riscos  
risos  
e  
rios  
surgem  
nascentes

Eliana Pichinine



## Um pouco da eternidade

O amor escrito não tem pressa,  
se desprende de sua fonte.  
O seu sentir em nada cessa.  
Cristalizado a cada um que conte.

Talvez, secas as flores e as vidas,  
que as linhas suspendem ao presente.

O amor nelas todas contidas,  
de um coração, talvez, já ausente...

Espera nas gavetas, cadernos,  
na memória, mas diluindo na idade...

No escrever, talvez, o Deus eterno  
sobre um pouco de sua eternidade...

A urgência da palavra dita,  
da boca, que desejo e inflamo.  
Sonha o perene da tinta escrita  
que tal veia sangrando derramo.

Pois, além de mim ainda será,  
amor, latente a cada novo olhar.

Por cada vez que outro a lerá  
junto ao novo amor, tornarei a amar.

*Arnault L. Dias*

## A Prostituta

I

Ví, na palidez apática das luzes  
(À sombra morta deste meu caminho)  
Uma porta aberta onde entrei sozinho  
Sob a mira enigmática de centenas de arcabuzes

Como a cascavel a se enroscar no ninho  
Me deitei nas plumas dessas avestruzes  
E, em contrariedade à Religião e às cruzes,  
Vomitei o pão ao mergulhar no vinho

À procura torpe de findar mi'as dores  
Atirei-me, verme, neste abyss profundo  
O meu corpo sujo detestava o mundo  
Neste paraíso não restaram flores

Eu me alimentava deste ventre imundo  
Como Renoir a experimentar as cores  
Logo, me entreguei a todos estes fatores  
Mesmo qu'eu cavasse não achava o fundo.

*Henry Rios*



## Exílio V

A poesia diária não se lê no jornal  
muito menos nos meios online.  
A poesia diária não fala, ela grita.  
A poesia diária é um café bem tomado,  
um bom dia expressado.

A poesia diária está nos indivíduos e  
[em seus particulares].  
Ela se forma nas relações dignas de poema,  
concretiza-se na paz e pode ser vista  
[quando o amor chega antes].

*Anderson Valfré*

## Inércia

Meu corpo na madrugada  
jaz entregue e inerte ao orvalho dos lençóis.  
Em silêncio, procuro o sono.  
Os sons da rua não se atrevem  
a multiplicar meus anseios.  
Doce foi o adeus que cantei contigo.  
Findou-se a farsa, encarnada no quarto.  
Procuro-me nas sombras, na garganta seca,  
nas rimas fracas e amargas.

Enfim, clareia... é chegado o dia.  
Levanto-me do chão, resignada.  
Silenciosa e deserta, sem lágrimas.  
A hora é clara.  
Encherei a casa de flores,  
lembrarei de todos os meus amores  
e escreverei uma ode à solidão.

*Cláudia Banegas*

## Poesia da mulher

Anda a passos largos; o caminho é árduo.  
Rastros de melancolia...  
Pensa no que precisa e não enfraquece,  
quer ser atendida, quer ser ouvida.

Diminui os passos,  
sente que Deus a empurra.  
Não se desespera, entrega-se e voa...  
Essa é a relação de Deus e a mulher.

Nas adversidades e aflições,  
quando o medo lhe tira a alma,  
a mão divina lhe mostra a grandeza.  
Acontece o milagre...

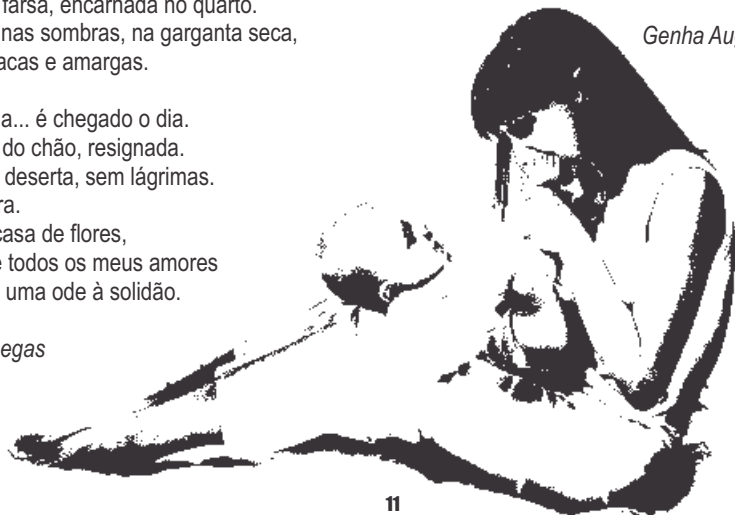
Põe à frente seu atributo natural;  
guerreira, alicerce da família,  
engrandece a vida do homem e a sua.  
Sabe lidar com seu fraco para ser forte.

Coloca-se divinamente no Universo!  
Mãe da Terra traz ao mundo o amor,  
abraça os filhos, cuida do pai,  
vela também pela mãe.

Tem a natureza do aprimorar.  
Seu gesto nobre muda o caráter do menino  
e muda o destino do homem.  
Essa é a mulher.

Beleza eterna onde a vida se renova!

*Genha Auga*



# A união de pétalas

Trago-lhe água.  
Cuidadosamente colho de tua semente.  
Minh'alma, um terreno.

Horas, penso ser terreno impróprio.  
Horas, acredito ter algum propósito.  
Trago-lhe de minh'água.

Deposito-lhe um tanto de minh'alma.

Perco então pétalas de mim, mas,  
surpreendentemente,  
ganho um pouco mais de calma.

Não me desespero mais vendo-me aos pedaços  
pois agora  
estes pedaços caem com os teus em nosso jardim.  
E o que me resta se completa com o que restou em ti.

Trago-lhe meu aroma.  
Ofereço-lhe o meu, com intenção de furtar-lhe o teu.  
E quando compartilhamos o mesmo ar,  
pronto!,  
esqueço de respirar-me.

*João Victor Martins Ruyz*



## (in)correções

Me corrija  
se eu estiver certo:  
A poesia é a minha porta  
para o deserto  
O seu segredo sempre foi  
descoberto  
Felicidade é algo  
concreto  
O meu amor sempre esteve  
por perto  
A sua mentira está num  
livro aberto  
A nossa certeza tomou  
rumo incerto



Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora  
[www.gentedepalavra.com.br](http://www.gentedepalavra.com.br)  
[gentedepalavra@hotmail.com](mailto:gentedepalavra@hotmail.com)

Esta edição: 100 exemplares  
Revisão: Marcia C. Baranski e Michelle Hernandez  
Redação, projeto gráfico e diagramação: Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:  
Diego Petrarca e Erivoneide Barros  
Conselheira especial para Língua Espanhola: Lota Moncada

Porto Alegre, abril de 2015.